

afonso o conquistador
maria helena ventura



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para o Luís Corte Real
O maior admirador da força libertadora do nosso primeiro rei



● Braga
● Guimarães

● Paço de Sousa
● Lamego

● São Pedro do Sul

● Coimbra

● Leiria

● Tomar

● Santarém

Lisboa ——— ●

● Badajoz

● Évora

● Alcacer

● Beja

Eu sou apenas o que começa o cortejo

...

A minha pátria é entre o Dia e o Sonho

—Rainer Maria Rilke

I N T E R R E G N U M

embora! não corteis os laços que nos unem
—Al-Judhamî

J á rompe a madrugada entre choupos e várzeas quando Afonso Henriques cruza a ponte em Celas Velha, Santa Clara. Da coluna dos cavaleiros de Coimbra, agora fragmentada, resta um grupo formado pelo alferes, por meia dúzia de vilãos, por quatro barões do norte e por um templário de semblante fechado, o único que não comenta o plano operacional da terceira invasão da Galiza nem a recuperação de Límia e Toronho.

D. Paio Mendes, arcebispo de Braga e chanceler do condado, acorda no andar superior da casa na alcáçova mal ouve o barulho difuso para lá da outra margem do rio. Soa-lhe agora mais rijo o tropel dos cavalos à entrada da porta ocidental da medina, o ruído de gonzos enferrujados a varar a noite. Estão bem perto, no novelo das vielas escuras, tão claras já se distinguem as vozes embrulhadas numa alegria que só pode configurar a vitória das hostes portuguesas.

O arcebispo tem-se detido mais tempo em Coimbra ocupado com as obras do mosteiro de Santa Cruz. Com o sono comprometido para o resto da noite percebeu há pouco as despedidas dos vilãos ao frade e aos senhores do norte que vão ficar hospedados na moradia. Percebe agora a entrada do futuro rei e seus homens no pátio da alcáçova. Coça a cabeça, hesitante. É urgente informar Afonso Henriques da inesperada chegada do legado do papa, ontem de manhã, e da súbita partida há pouco mais de uma hora, mas quem garante que é o momento oportuno para interromper os guerreiros a um passo do descanso?

Desce devagar as escadas iluminadas a meio por uma tocha quase

extinta. Tropeça no último degrau, distraído. Confundido com a penumbra desliza pelo corredor até alcançar a porta da sala de armas. Arrisca agora duas vezes meio corpo no umbral, ainda indeciso. Lá dentro há pouca luz. Preso no ângulo formado por duas paredes, só um facho acentua os contornos das figuras humanas em fantasmas a dançarem pelo chão. As candeias estão apagadas, de torcida mirrada à espera do abastecimento de azeite e nem os dois círios acesos há umas horas ajudam muito, morrem devagar, derramando bolhas de cera dentro de tímidas rodela de luz, sobre a mesa de dez palmos.

Afonso está quase despido, já estirado no escabelo. Consola-o a brandura da serva a limpar-lhe o suor do rosto com uma das mãos, enquanto lhe vai chegando o vinho com a outra. Diante dele o alferes Fernando Peres, *o Cativo*, pousa o seu vaso esvaziado na mesa, respira, continua o relato de façanhas recentes no meio da agitação de cotas de malha e espadas a tombar. Já devia estar em casa há muito tempo.

D. Paio estremece quando o criado mouro mais velho roça silencioso o seu corpo. Leva panos brancos de linho num prato fundo de barro e um gomil com água da cisterna do pátio. Na sala ajoelha aos pés do príncipe, desaperta-lhe as fivelas dos sapatos para sacudir a poeira acumulada. Depois estende-lhe panos molhados, torcidos, que ele passa pelas próprias feridas. Agora com as mãos livres o servo cuida-lhe dos pés cheios de bolhas. Lava, seca, massaja em movimentos circulares precisos e delicados, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. Só interrompe a uma ordem do seu amo

Traz-me de beber

O mouro roda até alcançar a arca maior onde está pousado o jarro de vinho substituído há pouco pela serva

Água... é de água que preciso agora

Do seu esconderijo o chanceler ainda espreita. Se aparece e conta o que sabe por força há-de prolongar a vigília a todos eles, tão carecidos de descanso. Se volta para a cama e deixa para amanhã, arrisca-se a colocar um cisco na amizade que o tem unido ao futuro rei. Temperamental como é, vai censurá-lo por não ter falado mais cedo.

O acaso decide por ele. Quanto volta a inclinar-se para a semiobscuridade da sala, Afonso pressente no vulto esquivo do lado de lá do umbral alguma novidade inadiável. E nem precisa levantar os olhos dos golpes quase cicatrizados dos braços e das pernas, para tirar Paio Mendes da escuridão, interrompendo os relatos

Aparece de uma vez. Estavas aí parado e não dizias nada?

Levantei-me agora mesmo com espertina

Com espertina, tu?

Sim, por causa de um assunto que te vai enfadar...

Que assunto tão sério te arranca do leito, a ti que tanto gostas de dormir?

O legado do papa saiu há pouco daqui

Estava assim com tanta pressa para não esperar pela manhã?

Não sei se te conte pormenores, a pressa vem-lhe daí

É coisa que me diga respeito ou não é da minha conta?

É sempre da tua conta, claro, mas ninguém estava à espera do que vinha fazer

E o que vinha fazer, afinal?

Nem sei por onde hei-de começar

Hum... Já me cheira a coisa ruim. Que tal lebares tudo a eito?

Diz tu primeiro como foi na Galiza, quantas baixas

Nessa altura adianta-se Gonçalo Mendes de Sousa, o *Sousão* como os amigos lhe chamam, braço direito de Afonso Henriques, um dos companheiros mais respeitados da cúria. Desde que a mordomia passou para o antigo aio do príncipe, Egas Moniz, nunca mais deixou de emitir um parecer em todos os assuntos da chancelaria. Chega a substituí-lo quando, distraído pelos domínios em Riba Douro, Egas demora a chegar a Coimbra

Correu bem, Paio, apesar de perdermos alguns. Tão bem que começamos a construção do castelo de Celmes e designámos a guarnição

Frei Raimundo é um varão corpulento de aspecto carrancudo. Até agora em silêncio no canto mais escuro da sala, acerca-se da luz dos círios para repor uma verdade no seu entender, urgente

D. Afonso afugentou Fernão Peres e o conde de Sarria, e depois ainda fez prisioneiro D. Rodrigo Veilaz. Mas o leonês voltou de Navarra à Galiza e exigiu retractação

Afonso incomoda-se com o rigor do templário

Dais uma no cravo outra na ferradura, frade. Já agora dizei o que se passou em Tui, pronto

Perdão, senhor, mas estamos a falar com D. Paio Mendes. Tinha de esclarecer o chanceler

Vossos esclarecimentos, esse costume da verdade nua e crua. Ouviste, Paio? Jurei fidelidade a meu primo Afonso Raimundes, está dito

O frade quase se desculpa em tom humilde, pouco condizente com a expressão altiva

Não faço por mal, senhor. E até considero vossa cedência muito sábia. Se precisais atender aos sarracenos que investem nas terras do Zêzere, só podíeis fazer concessões a vosso primo. Não estais de acordo, D. Paio?

Claro que estou. Apesar de tudo são boas novas, assim fossem as de cá

Afonso impacienta-se ainda mais com o arcebispo, pouco decidido a falar. Atravessou meio vitorioso o condado, incrementou o desejoso de repouso no seu leito e acaba sufocado pela expectativa de um desastre doméstico?

Estou à espera que te resolvas, Paio

Está bem, pronto. Parece que voltaram a comentar em Roma a ordenação do bispo moçárabe Martim Suleima, feita por ti, e a história da prisão de tua mãe

Ainda esse assunto? E vai daí...

Daí falar-se também da antiga excomunhão diante do novo papa que quis reforçar a sentença anterior enviando o cardeal

Afonso levanta-se, transtornado pela ousadia, gesticulando diante do facho aceso. Maiores do que ele só as sombras que no chão duplicam uma ameaça explícita na voz

Excomungar-me outra vez, depois de tanto tempo? E que desculpa dá o cardeal para fazer uma coisa dessas sem a minha presença?

Nenhuma, mistérios inexplicáveis da Igreja e dos legados do papa

Mistérios? Eu lhe darei os mistérios. Não deve ter a consciência limpa, para partir tão à pressa

E carregado. Não sei como os bispos das outras dioceses souberam, certo é que chegaram aqui todos ontem e encheram-no de ouro e prata. Até Pedro Rabaldes

Por onde foi esse legado de nenhuma fé?

Pela estrada da Beira, ao que disseram

Vou-me a ele e corto-lhe o pescoço

Em vão D. Paio e frei Raimundo tentam impedi-lo de cometer a loucura, essa sim, passível de excomunhão. Mas Afonso não quer desistir. Seguido apenas pelo colérico Fernando Mendes, o *Bravo* para uns, o *Braganção* para outros, e pela montada serena de Gonçalo, castiga o cavalo sem sela a caminho de Poiares no encalço do clérigo e do sobrinho menor. Egas ainda lhe grita que vai quase nu e descalço, mas ele torna que leva a espada, o bastante para sentir-se vestido. Quando avista a figura bamba do legado, grita-lhe de longe com voz cortês para não denunciar a raiva que o toma

Esperai dom cardeal, não viestes para ver Afonso Henriques?

Claro senhor, mas tenho urgência em partir e como não éreis presente

Pois sou agora. Que viestes trazer-me de Roma, alguma coisa que não tendo nós, estamos a precisar?

Bem, eu queria dizer-vos... melhor, ensinar-vos como procede um cristão com fé

De certeza que não preciséis vós de ensinamento, dom cardeal?

Não, claro. Sobre fé são os clérigos que ensinam a mando do nosso papa, senhor D. Afonso.

Pois digo-vos eu que muito sangue de meus homens tem sido derramado em nome da fé que prega Roma. E é em nome da fé que minha espada tem cortado centenas de cabeças sem ser preciso o papa mandar. Quereis vós ser testemunha?

Nesta altura desembainha a espada a crescer para o legado, já o alferes e Paio Mendes se apeiam com receio do pior. Egas Moniz e o filho Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, conseguem alcançá-los a tempo de pedir ao príncipe que mantenha a calma e volte a embainhar a espada. Em terra sua melhores argumentos terá para resolver a questão.

Seguem-se minutos tensos. Com o sobrinho mais à frente a segurar os animais, o cardeal está agora diante de Afonso Henriques. A inquietação não lhe tolda a noção do apuro em que se meteu, com atenções repartidas entre a figura grande do futuro rei e a imagem mental de uma desgraça pronta a desembocar no seu corpo. Mais ainda quando é confrontado por ele a um palmo do nariz

Então não sabeis dizer-me ao certo em que consiste vossa missão, senhor dom cardeal. E aquelas mulas carregadas?

Tributo do condado a Roma, senhor. Provas de minha luta pela conversão das almas

Luta? Bela luta a vossa. Encher o bandulho, carregar os alforges e dar aos cascos pela calada da noite como um ladrão. Se é essa a vossa luta vede

E despindo o resto do fato

Esta é a nossa fé, o nosso empenho por ela e pelas carências do povo. Cumprimos com escrúpulo os preceitos dos livros e honramo-los com acções, para exemplo dos vindouros. Cada parcela de terra, cada moeda de ouro, cada vaso de prata, custam-nos estas cicatrizes pelo corpo todo. Agora mostrai as vossas, vamos

Despe então o cardeal, testemunha de uma crença pouco espevitada que esmorece ainda mais à custa de um pavor nunca sentido

Dá para ver que tendes as carnes mais lisas que a peideira de um infante e que tremeis mais que varas verdes das almargens. Fora daqui. A prata e o ouro ficam, que muito carecem de ambos o condado e sua gente. E o varão fica também

Mas é meu sobrinho menor, senhor, filho de uma irmã minha

Já disse que fica, como fiança de vossa promessa de que não ides falar mal de Afonso Henriques nem jamais tereis porque excomungá-lo a ele e seus descendentes

Não posso partir sem meu sobrinho, não posso

Vereis que sim, vo-lo dirá minha espada. Se o que mando se souber aqui em alguns meses o rapaz vos será entregue são e salvo. Entretanto dizei por lá que em terras de Portucale e Coimbra sempre se fará como manda Afonso Henriques.

I

*como o ferro com o ferro se aguça,
assim o homem afia o rosto do seu amigo*
—Provérbios de Salomão

Depois da quarta invasão da Galiza e paz de Tui, aproxima-se outro Natal. Afonso decide celebrá-lo na honra paçã do aio em Paço de Sousa, entre a família que o acolheu quando era recém-nascido e companheiros da infância. Mal passem as festas será preciso entregar novos forais, reforçar os privilégios dos antigos, confirmar a administração concertada entre nobreza rural e poder eclesiástico, intimamente ligados entre si e a ele mesmo, numa pirâmide de interesses.

Não é costume dispensar muito tempo à Igreja, mas na véspera do nascimento de Jesus é diferente. Assiste lá mesmo à missa no mosteiro do Salvador marcado pelos costumes de Cluny e depois cavalga toda a tarde pelas herdades próximas antes da ceia. Teresa Afonso, segunda mulher de Egas Moniz, está contente com os filhos à volta a repetir os rituais da infância. Entrega a cada um o presente previsível, mas o privilégio das grandes revelações fica para o senhor da casa.

Afonso parece longe. Enredado em lembranças evocadas pelas línguas de fogo da lareira, demora a ouvir a mãe adoptiva chamá-lo carinhosamente

*Afonso, Afonso... vai até à janela, tens a tua meia no peitoril
Tricotaste uma meia de lã para mim, como costumavas fazer?*

Uma meia que faz umas seis das antigas

Imagino que faça. E encheste-a de nozes e passas, não me digas

*Digo sim. Com uma família tão grande não tenho feito outra coisa senão
usar o fuso e a roca, tricotar meias de lã, recheá-las a seguir*

Afonso acerca-se da moldura de cantaria, o rude coração mais trémulo

quando põe a mão no presente áspero, envolvido por um afecto muito antigo. Nessa altura a voz enfática de Egas Moniz trá-lo de volta

Olha pela janela... mais longe, lá fora, o teu presente está lá fora, vê?

Um cavalo raudão pasta banhado pelo luar chegado prematuramente. Vira-se agora na direcção dos rostos enquadrados pela janela, talvez atraído pelo som de exclamações excitadas de repente vindas da casa grande. Tem um porte majestoso, assim delineado pelos reflexos dourados da noite.

Afonso põe o novelo de frutos secos nas mãos de Teresa com um abraço demorado. Depois, com a emoção de uma criança finalmente feliz com a prenda desejada, corre ao pasto para afagar o animal nervoso. Sob as atenções do aio e da família monta-o com palavras mansas, de rosto colado ao focinho quente do cavalo. Incita agora a marcha afagando-lhe o pelo macio, confundindo o seu corpo grande com o corpo da montada. Dá umas voltas em círculo ali mesmo, antes de saltar a vedação. E já longe do alcance da vista a família ainda escuta por algum tempo o galope cada vez mais longe pelas sendas da noite.

É muito tarde quando do luar em silhuetas nos ângulos da janela, da paz antiga de risos e histórias à volta da mesa, se faz a ceia alegre. Gonçalo Mendes de Sousa também é da casa pela união com Dórdia Viegas, filha do aio. Trouxe o herdeiro do primeiro casamento com Urraca Sanches, sobrinha de Afonso Henriques, e os criados vieram carregados com os melhores produtos das suas herdades de Unhão e Basto. João Peculiar é o novo arcebispo de Braga e chanceler do condado depois da morte de Paio Mendes. Veio acompanhado de alguns parentes, sem esquecer o pé de espinheiro plantado por detrás da Sé para ver se ganha raiz no portal da quintã. Não cabem todos na mesa. Numa sala tão grande cada canto está povoado de vozes.

Na manhã seguinte, ainda todos descansam, Afonso monta o cavalo por largas horas perdido no meio do arvoredo a meditar nas obrigações dos últimos dias. Tem de aproveitar cada minuto, tão cedo não poderá voltar ao norte. Se acomodar ao tempo que resta as tarefas principais, conta ainda deixar intacto um espaço de convívio entre ele e os companheiros, simbólicos pilares do futuro reinado.

O Sol ainda não aqueceu e já gotas de suor na fronte dificultam a visão. Meia dúzia de infanções a cavalo acompanham o futuro rei, alguns já com lebres e coelhos pendurados ao cinto, do lado de cá da massa densa de verdura, em paisagens mais agrestes dominadas por rochas esculpidas contra arbustos ras-teiros e claridade.

Os monteiros experientes afundam-se num descanso à sombra, depois de horas a cavalo desde madrugada. Afonso consente. Não são precisos para

levantar a caça miúda. Do outro lado sim, resistem alguns mata dentro com o grosso dos cavaleiros, pouco comprometidos com a captura, muito excitados com a folgança no intervalo das pelejas. Numa revoada de vento a sacudir a ramagem afugentam a caça grossa com que de manhã bem cedo sonhavam espicaçar os sentidos. Não é difícil ao urso iludi-los. Só alguns veados e muitos javalis em corrida desorientada ficam na mira dos caçadores por instantes. Renovam-se brados, perseguições, gritos de animais feridos e cavaleiros a espevitarem o brio das linhagens, esquadrihado um território previamente demarcado por zonas de intervenção.

De repente ouve-se um grito rouco vindo de longe, do centro quase virgem do bosque, um grito repetido do fundo das entranhas de alguém. Afonso estaca a montada no limite do campo onde a floresta começa, entre lebres a evadirem-se das moitas e gravetos a partirem sob as ferraduras da besta. Agora adentra-se na mata, cruza-se com um cabrito montês que inverte o sentido para retomar o lugar nas brenhas. Grita para dentro do mistério da ramagem riscado pelo piar das aves, rasgando ainda mais uma fracção de tempo até então incorrupta

Quem brada que nem um boi capado, Gonçalo Mendes?

O Braganção, como falhou o urso cortou o dedo grande... acreditas?

Animal, bodalhão, mais javardo que os ditos que fogem à nossa frente

E mais alto para ser ouvido pelo próprio

Falhas então o animal e cortas o próprio dedo, hein? Tão certo como anoitecer mais logo não me acompanharás em mais fossados

Fernando Mendes emerge da ramagem sem apreciar a sentença. Colérico, bem regado de vinho logo pela manhã, devolve-lhe o berro com mais força, ainda engelhado de dor

Quero ouvir-te dizer isso quando investires contra os mouros e precisares de toda a gente capaz. Não sabes quanto treinei para acertar nos cães inimigos

Mais cão és tu, que não entendes que sem um dedo nunca mais acertas à distância de meia braça

Queres ver quanto te enganas? Tenho metade do dedo e é quanto basta

O Braganção tenta então provar a rijeza dos varões da família Mendes de Bragança apelando à paciência que não tem, à espera da sorte lhe mandar um animal de maior porte. E a sorte não é avara, empurra um javali adulto para a mira dos cavaleiros em menos de um ai. Nessa altura o Bravo faz pontaria. Espera ainda uns segundos, depois ousa o arremesso com um brado gutural de raiva. Mas a seta não obedece, distraída do alvo. Expedida da curvatura do arco como um raio, vai cravar-se num souto enfeitado de ouriços uns palmos para a esquerda da mira.

Por momentos só reina o silêncio repartido pelas cifras dos olhares cruzados até gargalhadas sonoras agitarem a copa dos arbustos. Ferido no seu orgulho de macho o *Bragança* adivinha o desprezo do príncipe, um desprezo repetido na censura ruminada por Lourenço ao ouvido do irmão, Afonso Viegas o *Moço*

Este não espera a morte natural nem o desaire nas pelepas, vai-se matando a si mesmo

E agora?

Agora foi-se o prazer da montaria. Afonso Henriques põe fim à caçada com desânimo, preocupado com a mão de Fernando Mendes. Já no regresso procuram o remoinho de água no ribeiro onde desde tempos antigos se refrescam, perto do tufo de medronhos. Vestes para um lado e caça para o lado oposto entram na água, molham-se uns aos outros como varões sem responsabilidades maiores. Continuam as provocações ao *Bravo*, a tentar a custo estancar o sangue com panos retirados do alforge. Menos de uma hora depois Afonso volta a por fim ao divertimento

A caminho do povoado e meus monteiros aqui

Os criados ajeitam as ceiras com as armas no dorso dos animais de carga, já os cavaleiros se vestem ansiosos pela chegada à povoação de choupanas rodeadas de tílias. A sede do vinho na taberna de João, irmão da soldadeira Mor Peres, a fome da vianda fumegante, apressam agora o galope nestas terras do concelho de Guimarães recentemente coutadas, dependentes do mosteiro de S. Martinho de Tibães. O patrono foi Paio Guterres da Silva, pai da primeira mulher de Egas Moniz, avô de Lourenço Viegas, protegido do antigo rei de Leão na mesma altura em que o reconheciam como o varão mais importante da região do Cávado.

Já estão sentados à mesa comprida de pinho ainda húmida da barrela fresca, à espera da marrã de fumo e dos nacos de carne ainda a boiar na fervura da panela. Pouco pacientes partem o pão de sêneas, separam côdeas e miolo, cortam o toucinho com mãos sujas impelidas pela gula. Só falta o *Bravo*, avesso aos risos de mofa que lhe dizem respeito. Depois do ribeiro foi atrasando o galope com os brios beliscados e ainda não se avisitava quando os outros desmontavam ao pé das estacas sob o colmo, ao lado da taberna.

Antecipam-lhe os maus fígados quando o vêem entrar de sobrolho carregado e molho de tordos à cinta. Ainda envolto num trapo, o dedo pinga gotas espessas de sangue para o chão da loja, apesar do afã com que tenta escondê-lo raspando o sapato na terra. Ninguém repara no pormenor, só Afonso não consegue esconder a repulsa

Que alguém lhe queime o golpe com um tição e lhe ate uma baraça por cima de um pano limpo. Javardo

A esta ordem um servo acerca-se do lume para libertar uma cavaca acesa. Avança pouco, só uns passos na direcção de Fernando antes de se deter a distância prudente, como se lhe auscultasse a permissão. *O Bravo* finge não dar por ele. Já sentado a um canto da mesa come um pedaço de toucinho cru como se nada o incomodasse, nem o unto em redor do queixo. Mas a evidência da profunda dor escorre da baba, do sorriso forçado nos cantos da boca grande donde se evadem, às vezes, grunhidos que não podem ser de satisfação.

Agora nem Afonso consegue fingir a vontade de rir, finalmente repartido por assomos de divertimento e comiseração. Intercala olhadelas divertidas ao rosto de Fernando Mendes e ao dedo a sangrar, antes de alinhar em gargalhadas tanto mais sonoras quanto maior é o esforço para as reprimir. Não pode ignorar a zomba em redor dos comentários de censura ao acto tresloucado do sacrificio de um dedo por falta de pontaria.

O *Bragança* vai azedando. Não perdoa que o exemplo do futuro rei possa encorajar os outros. Quando as gargalhadas aumentam de tom levanta-se de rompante afastando o banco com um pontapé até desequilibrar os homens sentados do mesmo lado. Agora faz ameaças, grita, semeia restos de toucinho mastigado pelo chão. Com um salto alcança a outra mesa junto à porta onde deixaram arcos, cacetes, alforges, espadas. Brandindo a sua começa por arrançar lascas da parede, depois corta o ar em simulações de ataque aos companheiros, finalmente corre direito ao servo para descarregar sobre ele toda a fúria que o envenena. O homem escapa por um triz, mal conseguindo fugir para trás de Afonso Henriques. Quando percebe que não pode atingir ninguém, o *Bravo* explode então de raiva

Estão a rir de quê? E tu que devias dar melhor exemplo, já te julgas rei? Estás esquecido que meu avô filhou a tua tia, outra bastarda do grande Afonso de Leão e Castela? Ordena-lhes que se calem ou façam o mesmo à tua irmã Teresa, e que se dane Sancho Nunes de Barbosa.

Faz-se um silêncio profundo sem ninguém mexer uma prega do rosto. Do *Bragança* não se espera um quartilho de juízo quando o vinho comanda, mas fazer ameaças de rapto de uma das irmãs do futuro rei? A loja fica mais escura por nuvens de apreensão, Mor Peres e as mulheres do lume a espreitarem no portal da cozinha enquadradas pela cortina de fumo.

Objectos e pessoas ficam parados no tempo. O servo espera, em posição de defesa, com a cavaca em riste agora apagada, os cavaleiros de olhos esbugalhados retêm o momento nas bochechas inchadas do bolo de pão e saliva. Só o

Bragança fermenta revoltas, engatilha fanfarrônicas, convencido de proferir um discurso de respeito capaz de assustar alguém.

Alguma das suas palavras surdas deve ter inflamado os ânimos de Afonso. De repente vai sobre ele com o rosto alterado por manchas da cor do vinho, toma-lhe o braço, arrasta-o para fora até ao telheiro dos cavalos. E a sós dá-lhe um aviso surdo que os outros não podem alcançar

Atreve-te a filhar alguém meu, atreve-te. Capote para o resto dos dias. A tua barregã há-de ser a primeira a rir-se

Julgas que não sou capaz, que tenho medo de ti? Nem sequer és príncipe, quanto mais rei. Só cagão, mijá mansinho

Não continua. Com uma joelhada nas partes baixas fica sem respiração curvado sobre si mesmo. Depois Afonso vira-lhe as costas em silêncio, já o Moço se abeira de Fernando Mendes para lhe mitigar a fúria

Vai para casa Bragança, trata esse dedo que está feio. Já estás a delirar e ainda nem passou uma hora

Vou mas é para Riba Lima, verás se não a tomo ao conde e não a faço ambrar de prazer à luz do luar

Nunca pensas no que pode vir depois, é o teu mal

Penso e muito, já sinto o bastão arreitado de pensar nas tetas dela

E aponta o sexo meio erecto dando-lhe as costas, direito ao cavalo. Com o dedo embrulhado num pedaço do camisão surrado desata o cabrestel da estrebaria, sempre a resmungar apertada a cilha de cabedal na barriga da cavalgadura e, por fim, monta com o rosto transtornado por esgares de dor no meio de um riso medonho.

Afonso Viegas lamenta o companheiro, tão certo dele se meter em apuros como do vômito antes do sono. Corresponde ainda ao aceno da mão ensanguentada quando a corpulenta figura se equilibra no cavalo antes de desaparecer na curva da azinhaga. Depois entra preocupado. Na taberna escura as chufas aumentam de tom com Afonso Henriques a retomar o lugar na mesa. Senta-se defronte dele, ao lado de seu irmão Lourenço agora a puxar conversa com o futuro rei

Afinal sentes-te bem?

Bem de mais, podes descansar

E parece mesmo satisfeito, a caçar o naco de toucinho rosado com a ponta afiada do punhal para cortar nova tira que coloca na fatia de pão mordiscada. Nessa altura já Mor Peres atravessa a distância entre a cozinha e a mesa comprida agitando os quadris, com o prato de barro cheio de carnes fumegantes.

Diogo Gonçalves, casado com a irmã do *Bravo*, Urraca Mendes, é um dos cavaleiros à mesa. Conhecendo bem o ideário selvagem da linhagem dos

Braganções teme desfechos violentos. Sente-se no dever de repetir avisos ao príncipe lembrando detalhes de antigas façanhas contadas pelos maiores dos povoados

Ele é bem capaz de cumprir a ameaça antes de sossegar a barregã, Afonso

Não pode cumprir, verás

Pode, seja lá quem for que encontre pela frente, mas pode

Bem sei da rudeza extrema daquele gigante. Tanto é capaz de ajudar alguém como logo a seguir atizar os cães à mãe ou filhar uma dona qualquer. Mas não há perigo

Insistes em manter essa ideia?

Ele não pode nem quer filhar Teresa

Baseias-te em quê, para o garantir?

Primeiro Teresa é muito mais velha, depois está tão bêbado que nem se lembra que Sancho Nunes já não está casado com ela há muitos anos. Neste momento ela visita Urraca, na Galiza

Não há então ninguém no paço de Riba Lima?

Se lá conseguir chegar só vai encontrar minha irmã Sancha. Essa sim, ficou-lhe no goto desde criança. E terá pela frente o escravo que toma conta dela como um cão fiel

Nessa altura Diogo tem um mau pressentimento. O *Bravo* pode ter confundido a irmã de Afonso Henriques com a sobrinha, Sancha Bermudes, casada com Soeiro Viegas, outro dos filhos do aio ali sentado

E se estiver baralhado, Afonso, se lhe der para tomar a primeira parente tua que encontrar pela frente?

Soeiro consegue ouvir as palavras e alcançar os temores de Diogo. Há pouco, para salvar a honra da família de sua senhor também ele teve vontade de cortar uma orelha àquele animal, cegá-lo, ou então calar-lhe para sempre a voz de rio caudaloso donde escorre uma solidão medonha. Mas não conseguiu esquecer os comentários do pai sobre o desprendimento do *Bravo* na entrega, a lealdade para com os companheiros, a coragem nunca negada quando sóbrio se empenha. E agita-se mais. Preocupado com as confusões do Braganção tenta apurar até onde vão os temores de Diogo Gonçalves

Queres dizer que ele seria capaz de arrebatá-la a minha Sancha?

Sei lá... aquele animal é capaz de tudo

Nesta altura Afonso Henriques sossega Soeiro Viegas, seu irmão adoptivo

Tua senhor está bem no paço de Cresconhe, mas se acaso lhe tocasse te juro por minha fé que o mandaria capar

E se tomar tua irmã?

Se molestar Sancha Henriques obrigo-o a casar com ela, ou talvez nem seja preciso

*Quase casaram, antes dele tomar a primeira mulher por ser mais dócil
Mais velha, quase uma mãe. Mas quem ele pretendia mesmo era Sancha,
brava, ao mesmo tempo bem falante, donairoso*

Herdou os predicados todos da condessa, vossa mãe

*E é bem capaz de lhe deitar veneno no caldo ou no vinho se ele a tomar
agora e quiser depois voltar para a barregã*

Acreditando ou não nos argumentos do futuro rei, que procura transferir as preocupações para assuntos da cúria, daí a dois dias, Diogo Gonçalves e Soeiro continuam apreensivos, o filho do aio sem conseguir esquecer o rosto da sua Sancha, mais louça e apetecível ao *Bravo*

*Será de colocarmos de lado as preocupações ou achas que devo ir atrás dele,
Diogo?*

*Tenho as minhas dúvidas que faça o que diz, o mais certo é ir direito a casa
e não tarda estar a roncar. Mas pode sempre parar numa quintã qualquer e fi-
lhar a senhor de alguém. Teu irmão está de partida, já aparelha a montada. Vai
pedir-lhe ajuda*

E Soeiro vai lá fora despedir-se de Lourenço a caminho das terras de Neiva que governa agora, para lhe confessar a muita apreensão partilhada por quase todos

*O Bravo não é bom da cabeça quando bebe de mais, não o percas de vista,
Lourenço*

*Está descansado. No estado em que está não conseguirá ir longe. Depois
seremos muitos a vigiar-lhe os passos, de agora em diante, e ele sabe bem disso*

Então até depois de amanhã no castelo

Lá estarei

O *Sousão* e o irmão Garcia Mendes, alferes depois do *Cativo* assumir a mordomia há três anos, continuam sentados à mesa. Como podem esquecer as ameaças do *Bragança*, as histórias dos antepassados se Paio Mendes, o outro irmão de ambos, costumava roubá-las ao segredo da confissão para partilhar com eles em serões alegres? Garcia insiste agora com Afonso Henriques lembrando algumas, e se o faz é por se agravar o destempero do *Bragança* com a idade

*É melhor fazeres alguma coisa, Afonso. Não te lembras de dizerem que Alão,
o avô dele, tomou a filha do rei da Arménia?*

Quando iam em peregrinação a Santiago, ouvi a história

*Então vês, nem o abade do mosteiro de Castro de Avelãs, onde tinham ficado
hospedados, o conseguiu evitar*

Já te disse que Sancha sabe defender-se. E até me agrada que casem

Bom, debes saber o que fazes

Sei, e tu também. Trata de organizar a cúria com Egas e Gonçalo para depois de amanhã e vê se esqueces o Braganção. Borracho pode ser um animal, mas na guerra é um leão a lutar e na paz um amigo fiel

E com as mulheres é um pedaço de veludo, D. Sancha nos dirá

Olham todos para o umbral da porta por detrás da mesa onde Mor Peres acaba de falar. A suportar os queixais com uma das mãos, acena em grande convencimento de guedelhas a fugir do lenço. Egas Fafes, cunhado dos Mendes de Sousa, abre muito os olhos. Nunca pensou ficar escandalizado com os ditos de uma dona diante do quase rei. Quando se recompõe doseia a calma com palavras duras, a ver se controla a ousadia da soldadeira

D. Sancha não tem que dizer-te nada, mulher. Vai lá dentro, traz mais vinho e canta mas é para nós

Só estava a dizer, senhor...

Estavas a dizer que ias em busca do que te mandaram, gira

Mor Peres cora ligeiramente. Deita um último olhar ao príncipe, a fingir nem reparar no que dizem os companheiros, entretido com o naco de carne. Vê muito bem os olhares trocados entre eles, percebe o alcance dos cuidados de todos em relação às ameaças do *Bravo*. Mas começa a enfadar-se com tanta obsessão, morto por enterrar o assunto de uma vez

Insistem ainda no mesmo se já disse que está tudo controlado?

Então deixa que vá um de nós

Isso é sede de montada? Quero que ele chegue a Riba Lima ou ainda não perceberam? Acabem de uma vez com as apreensões

E decidido a selar a conversa grita nova ordem mais firme a Mor Peres ainda parada no mesmo lugar

Mais vinho e pão fresco, mexe-te

A soldadeira roda nos calcanhares para desaparecer na cozinha e voltar com o jarro cheio, já o assunto parece encerrado.

Daí a dias consta, entre outras novas fantásticas, que o *Braganção* tem de lutar bastante mal transpõe o portal do solar de Riba Lima. Primeiro enfrenta a bravura do escravo de Sancha, depois acerta ela contas antigas com o senhor de Bragança. Começa por assistir às primeiras estocadas do patamar superior sem esconder a impaciência. Quando percebe que o servo não levará a melhor, empunha uma espada arrancada da parede e salta com destreza para o nível inferior da sala. Afastando o criado com o cotovelo começa a brandir a arma com habilidade, procurando distrair o invasor com altos brados em tom de desafio

Ao que vens porcino, javali fedorento? Como te atreves a entrar aqui e a manchar-me o nome?

Nome ilustre... ah, ah, ah. Todos na família com a mania das grandezas. Quem te dera o nome de uma linhagem de machos

Quem te dera a ti senhor honrada, um javardo que já tresandava a carne podre mal desmontava lá fora

Sairás daqui comigo, te juro, e não te causará dano a carne mal cheirosa

Pois te juro eu a ti, perante Deus e meus criados, que a ousadia te custará muito caro

Quanto, diz lá, condessa sem condado, irmã de quase rei sem reino?

Daqui só sairei para o túmulo, e nesse caso o futuro rei há-de cegar-te para sempre, ou para uma igreja para te casares comigo, e nesse caso serei eu a tratar-te da saúde

Ao impacto destas palavras Fernão Mendes descuida a guarda do lado esquerdo, apanhando o primeiro golpe de raspão no ombro. Está enfeitiçado por aquela mulher formosa, mais destemida do que aparentava em criança. Não vale a pena discutir os argumentos dela que até lhe convêm. Se em vez de Teresa, ou lá quem era a donzela desenhada na sua ideia turva, encontra a mais nova das três filhas dos condes de Portugal, é essa que fingirá arrebatar, ainda que seja ele mesmo arrebatado por ela.

A luta termina, o *Bragança* de cenho carregado e Sancha ainda com os humores a chispar. Essa mesma noite obriga-o a uma barrela ao corpo mal cheiroso, depois de gritar aos criados para encherem duas selhas com água quente. Uma para o banho demorado, outra para as roupas ficarem de molho até ao dia seguinte. Ainda espera que o servo lhe esfregue as costas com vassoura de palha até lhe arrancar a pele, para depois ela mesma queimar e tratar o dedo cortado com ervas e unguentos indiferente aos urros de dor.

Quando finalmente lhe ata uma baraça por cima da ligadura de linho, já Fernando Mendes a encara como a senhor da vida toda. E aceita com um sorriso de paz a recomendação de umas horas de sono para começar a roncar daí a nada na paz dos anjos. Só não pode saber das diligências de Sancha. Enquanto o antigo amado dorme manda um criado de confiança a casa dele enxotar a barregã, sob pena de um castigo severo do futuro rei se não obedecer.

No outro dia partem com o cabecel para Aqua Flaviae onde se perdem em compras de última hora: sapatos de couro e capa para ele, cendal, linho e seda da região para ela, uma peça de escarlata a um importador de fora. E ainda arcas, escanos, vidros e ânforas para a casa em breve arranjada de novo. Sancha repete ordens aos criados de ambos, agora com o consentimento do *Bragança*, para limparem depressa os cómodos da nova morada se querem

umas moedas de ouro. E logo na madrugada do dia seguinte, vestidos com fatos domingueiros, abraçam o mistério de uma estranha união, tão cedo que só os galos cantam e têm de acordar o prior do mosteiro do Salvador em Castro de Avelãs, nas terras de Bragança, onde unem os destinos.

A mãe de Fernando Mendes não quer acreditar, ainda a convalescer do ataque dos cães que o filho lhe atçou. Esquece a ideia de vir a deserdá-lo, mais acesa depois do criado lhe ter contado da mutilação de um dedo por causa de um erro de pontaria. E não pode evitar maior comoção ao saber que ele acaba de casar com a irmã do próprio Afonso Henriques

Foi logo a seguir ao acto tresloucado, senhora

Gostava tanto de ter assistido

Estavam formosos quando deixavam a igreja, diz o povo que entrava para assistir ao ofício divino

Sancha sempre foi formosa, como a mãe. Ainda parece mentira que acabassem por ficar juntos

Mas é verdade, só que D. Fernando Mendes fez das suas mal acabou de casar e apanhou outra borracheira de caixão à cova

O que foi desta vez?

Roubou uma herdade a D. Gonçalo Mendes de Sousa

E que terras são essas?

As melhores na linde das vossas ao longo do Tâmega

Como se não tivesse terras bastantes. De qualquer modo há-de matar-me, de loucura ou de vergonha

Não vos deixeis matar, senhora. D. Fernando quando bebe não sabe o que faz

Esse é o perigo, quando bebe

Não vedes que mal vos lançava os cães corria a socorrer-vos, a chorar arrependido?

O que teria invocado para roubar D. Gonçalo Mendes, sabes?

Que tanto D. Gonçalo como D. Afonso Henriques zombaram muito dele, quando mutilou o dedo

E ele não suporta que se riam das suas misérias

Do roubo das terras não sabe Sancha senão muito mais tarde, já mais de quinze dias passados de franco enleio em que não se deixam um minuto. Quando toma conhecimento inventa o castigo mais severo para um varão depois de tão ledó romance, deixá-lo por três dias sem avisar onde vai e sem mandar notícias. Mas vêm-lhe contar, ao fim do segundo dia, do desespero do *Bravo*, e tanta pena sente dele que manda de Riba Lima um criado a Castro de Avelãs perguntar-lhe se já se arrependeu. O homem volta de cabeça baixa

Ele garante que não, senhora

Ah garante? Mal viu o meu interesse fez-se forte? Então também não me arrependo de ficar mais um pouco

Mas ambos morrem de saudades. Tantas que ao mesmo tempo se fazem ao caminho para o confessar de viva voz. Quando se cruzam a meio do percurso atribulado, Sancha pede logo ajuda aos criados para se apear, o *Bragança* salta do cavalo a precipitar-se para ela com tal desespero que até os animais se assustam.

I I

*...se és homem decidido precisas de um moinho
que trabalhe com as nuvens sem dependeres dos regatos...*

—Ibn Mucana

Casou? Dizeis-me que afinal já casou?

A voz do príncipe ecoa dos muretes de pedra da pesada sala de armas ao fosso da barbacã, já o atalaia avista o cortejo do arcebispo de Braga para lá do cabeço cinzento, na estrada rasgada entre sarças e penedias. Debalde grita das ameias que Sua Eminência vem chegando, já atravessa a praça onde a igreja se destaca pelo campanário acima do ralo casario.

Desde a sala dilata-se mais a voz de Afonso, excitado de alegria com a notícia do casamento da irmã depois de uma tempestade de ameaças do rude companheiro. Sancha pode ter passado o limite da idade, talvez tenha abusado da notícia de que ia fazer-se monja, mas sempre acabou por tomar a decisão mais acertada para ambos. Aquele selvagem de sorriso infantil que lhe lançava olhares gulosos mal ambos saíam da infância, precisou ficar bêbado para ir até Riba Lima aproveitando a mutilação para lhe despertar o instinto protector.

O desfecho que Afonso desejava desde o dia da caçada rasga janelas de sol nos seus olhos castanhos muito claros, um Sol logo encoberto pela notícia trazida pelo aio sobre o roubo das terras de Gonçalo

Pois é como te digo, nem Sancha deve saber ainda

Tinha que arranjar alguma coisa à sua medida, aquele grande animal.

Quantos moios vale a herdade?

Alguns soldos bons. É terra com cursos de água, boa para hortas. Depois tem a área do cereal e do pasto e ainda um casal ou dois

Manda lá chamar Gonçalo Mendes, quero falar com ele

O *Sousão* sabe de tudo, o semblante carregado não engana. Não que

precise das terras, é apenas uma questão sentimental por estarem na posse da família desde os primeiros condes. Afonso fala-lhe em particular

Porque não me contaste? Quero compensar-te pelo roubo

Que tens tu a ver com isso? Se pega a moda de alguém satisfazer as obrigações que lhe cabem, ele volta a cometer o mesmo crime

Aceita ao menos dois moios e uma cavalgadura. E pelo agravo podes tomar umas terras de Gomes Nunes que em tempos lhe cedi

Tens assim tanta razão para deserdar o conde de Pombeiro?

E não tenho? De repente revelar tanta simpatia por Afonso Raimundes não é razão sobeja?

Ou será porque procuras uma forma de te afastar da filha?

Não digas isso, agora menos que nunca me devo afastar de Châmoa

Nós todos achamos o contrário

Deixem esse assunto comigo. Quanto aos servos da herdade dou-te uma certeza, ele não há-de retê-los

Goñçalo Mendes de Sousa acaba por aceitar esquecendo o incidente sem pleitos nem desforra pelas armas. De algum modo conta fazer regressar tudo mais tarde ao mosteiro de Pombeiro ou à Sé de Braga.

Egas lembra então que estão numa reunião da cúria e acabam de avisar da chegada de João Peculiar. Preparam-se para discussões prolongadas sobre assuntos de interesse, mas o casamento de Sancha lembrou-lhe a preocupação antiga das gentes de Entre Douro e Minho sobre a constituição de família legítima pelo futuro rei. E se abordassem o assunto?

Não queres aproveitar para discutir o teu futuro casamento, Afonso?

Casamento com quem? Há um ano pretendi fazê-lo e ousaram proibir-me, depois de me escolherem para vos liderar

Deves lembrar-te porquê. Precisas garantir a sólida herança do sangue preservada por todos os reis, não distrair-te com donas. Não vês o exemplo de teu primo leonês?

Ah, agora o leonês serve de exemplo para mim?

Deixa-te de ironias. Em breve também serás rei e a um rei, entre outras atribuições, compete construir a sucessão

Depois de afastar a ideia é que vêm falar-me de casamento

Parece que te lembramos alguma coisa estranha. Um dia teria que ser

Enquanto não fixar fronteiras não quero criar mais laços, Egas

Tens de pensar numa esposa do mais nobre sangue

Uma dona capaz de parir, queres tu dizer

E donas nunca te faltaram, eu sei

Em poucos meses serei pai do primeiro filho

*Não falo dessas uniões, Afonso, nem de filhos de barregãs
Falas da filha de um conde. E já não podes dizer-me o que devo ou não fazer, Egas. A constante ameaça de muçulmanos a sul e de partidários dos Trava a norte, isso sim, são frentes a combater com urgência*

Falo da sucessão, porque finges não entender?

Não posso criar outras teias para me enredar, já o disse mil vezes

E repete bem alto que não, atirando a ira contra a laje onde se agitam assustadas as sombras dos fachos acesos. Egas altera-se como dantes, quando o príncipe o desafiava, como se ainda entendesse seu dever chamá-lo à razão como faz com frequência a cada um dos filhos varões

É urgente cortar as amarras que nos ligam à antiga vassalagem, sim. Mas não podes manter pela vida toda ligações que a Igreja condena

E o que aprova a Igreja para mim, posso saber?

Se queres fundar o reino independente a que o teu pai aspirava e nossa gente anseia, se pretendes manter-te à frente dele até à morte, precisas de esposa legítima e filhos dessa união que possam herdar a coroa

Qualquer um de meus filhos será digno seguidor de nossas aspirações. Não entendes tu Egas, e vós todos, que nenhuma sucessão vingará sem anular a obediência a Leão?

Di-lo tu a João Peculiar

Quem sugere é Lourenço, a partilhar o sentimento de todos com ar sério, adivinhando já a entrada do arcebispo no pigarrear pelo corredor escuro

Dizê-lo a João por quê?

Porque voltou a pedir que te decidas

Isso foi quando?

Depois dos maiores da nossa terra terem temido pelo destino do condado, pelo teu próprio destino. Não te lembras que já antes do pacto de Tui definiam a sucessão de pais a filhos legítimos?

O que importa é ter comigo a vontade da nobreza portugalense, a fidelidade de alguma nobreza galega

Egas está mais perto da porta. Ouvindo agora nitidamente os passos do chanceler e da gente do seu séquito, aproveita para insistir no que sabe ele aprovará

A vontade de alguns é entusiasmo passageiro, Afonso, os herdeiros é que prolongam os ideais. Precisas casar, filho de condes, neto e bisneto de reis, bem sabes as regras do jogo

E a Loba, na toca quase a parir meu filho?

Deixa-a quieta em Fonte Arcada. Teve outros filhos, mais homens, não serve a um futuro rei

E eu tive outras mulheres, ou finges que não tens conhecimento? Não escolheste uma irmã dela para Lourenço?

O Espadeiro toma então a palavra, contrariado com o rumo da conversa a entrar-lhe casa dentro

Não nego que Châmoa descende de boa cepa, meu pai teve as melhores relações com o conde Gomes Nunes antes dele aderir à causa de teu primo. Mas a irmã, minha senhor, não é mãe de uma ninhada de pais diferentes

Tua senhor não pode ter crias, Lourenço. E depois para gerar filhos são, não é preciso mulher pura e bem-nascida

Palavras sonoras ecoam então nas paredes de pedra como trovão inesperado

Estás enganado, para um rei que se preze é preciso mulher pura, sim

À escuta há alguns minutos no escuro do corredor João Peculiar avança agora sem pressas, mal acaba de passar o arco em ogiva da porta ladeada por capitéis decorados com incisões a bisel. Pouco contente com o rumo da conversa, cumprimenta o futuro rei com um inclinar de cabeça logo correspondido, depois saúda os outros cavaleiros suspensos do rumo da conversa

É preciso que cases pela Igreja e respeites as regras de Roma. Queres prestar vassalagem ao papa, não queres?

Bem sabes que sim, se me trazer alguma vantagem

Então precisas dessa influência. Com a coroação como imperador de toda a Espanha, teu primo torna-se ainda mais poderoso

E o que tem?

Perante o papa é dos líderes mais respeitáveis do mundo cristão. Tu ainda não reúnes as mesmas condições para vires a ser rei

Bem, se persistis todos nessa ideia então buscai noiva por mim. Mas bem longe. Se houver algum motivo para cuidados não encaro casar

Egas Moniz continua a ter um grande ascendente sobre o príncipe. Não chega para demovê-lo quando se obstina em levar por diante um projecto ou quando quer renegar algum pedido exterior, mas ainda consegue ser a única pessoa a interferir nas suas decisões. O casamento é quase o preço da ascensão de Afonso Henriques a rei. Cabe ao antigo aio pedir-lhe esse pagamento como se retomasse um discurso tantas vezes entabulado com ele, enquanto infante, um discurso agora mais doloroso para o varão adulto que entretanto alimentou ligações afectivas. Aproxima-se com carinhoso respeito

Já te falei muitas vezes da casa de Barcelona

Mais longe, quero alguém de mais longe, sempre te disse

Pois sim, mas quanto mais longe?

Do norte de França, da Borgonha, Flandres, qualquer desses condados me servirá, a não ser que a escolhida seja velha ou vesga

Afonso Viegas explode em riso, contagiando os companheiros e interrompendo o curso da conversa

Afinal não te serve qualquer uma

Mas recebe um olhar reprovador do pai, morto por convencer depressa o antigo pupilo numa atitude concertada com o chanceler

Talvez a herdeira de Sabóia. Peculiar sabe das ligações dessa família a Borgonha e tem boas referências, não tens, João?

Tenho, é uma casa nobre bem vista por todos os reinos cristãos. Além disso tem boas relações connosco. Agora relembra-lhe tu, Egas, os vínculos familiares

Tu recordas Afonso, quando te falava de parentescos dizia-te que o conde de Sabóia era filho de uma irmã de Raimundo

Gente da Borgonha, lembro-me disso

E também vassalos do imperador da Alemanha, vizinhos do condado de Avinhão adquirido pelo conde de Toulouse

João Peculiar volta à carga, com contributos de peso

Ouvi falar da princesa, dizem ser uma donzela bem-parecida e saudável

Se me mostrardes vantagens nessa união, aceitá-la-ei

A maior talvez seja o facto de Sabóia manter estreito contacto com o mosteiro de S. Rufo, nas proximidades do condado

E que importância tem isso para nós?

Esse mosteiro tem relações privilegiadas com Santa Cruz de Coimbra, ou não sabias?

Sabia, mas ainda não alcanço a ligação

O centro cultural e espiritual que tanto proteges pode ficar ainda mais aberto à Europa, Afonso, essa é a grande vantagem

Não me soa mal, mas ainda é muito vago

E afasta-se para descansar uns minutos no escano junto à parede, consciente de começar aqui o isolamento das grandes decisões. Contrariado deve estar. Nenhum príncipe gosta de ficar amarrado a obrigações familiares para o resto da vida, quando deixa para trás o primeiro envolvimento amoroso que dá fruto.

Os companheiros respeitam-lhe a pausa silenciosa, o olhar perdido para lá das frestas iluminadas, a descarregar o peso da contrariedade nos telhados de colmo além da muralha. Em que pensará, encostado à parede fria da sala, olhando o caminho que o Sol esboça, mais nítido?

Talvez reconsidere a paixão intempestiva por Châmoa, filha do conde Gomes Nunes de Pombeiro. Nunca esse entusiasmo agradou à família de Egas

Moniz nem às outras, que tudo têm feito para tornar os condados de entre Douro e Minho e de entre Douro e Mondego independentes. Já quando em saídas compulsivas à tardinha fazia esperar Teresa Afonso e a família para a refeição, davam-lhe conta do perigo. A mãe dela era irmã de Bermudo e Fernão Peres de Trava, as influências mais nefastas sentidas pelos nobres de Riba Douro depois da morte do conde D. Henrique.

Como se não chegasse a neta de Pedro Froilaz, conde de Trava, sempre revelara comportamento pouco digno para uma senhor ligada às linhagens influentes. Viúva de Paio Soares, mãe de filhos e já depois de monja, teve ainda outro varão do primo, Mem Rodrigues de Tougues, também ele membro do mesmo clã dos Trastamara. Agora reforça comportamentos duvidosos emprenhando do futuro rei, consciente das hostilidades entre aqueles que o servem e seus parentes maternos. O que pretenderá com os insistentes jogos de sedução?

Para Afonso Henriques é uma relação pouco tumultuosa onde cabe o conforto de Châmoa ser quase da família. Paio Soares, o falecido, era filho de Soeiro Mendes da Maia, casado com Gontrode Moniz, irmã de sua avó Jimena. Criaram a condessa D. Teresa já Soeiro era um homem respeitado tanto por Afonso VI de Leão e Castela, de quem Jimena fora concubina, como pela nobreza mais influente do norte.

Soeiro serviu depois com lealdade o conde D. Henrique, como o filho viria a servi-lo. Paio chegou ainda a estar presente nos primeiros tempos da cúria condal de Afonso, pouco depois de S. Mamede. Um dos rapazes mais velhos do seu casamento com Châmoa, Pedro Pais, revela grandes dotes militares. Vem sendo preparado para o posto de alferes agora nas mãos de Garcia Mendes, às vezes nas de Lourenço Viegas, o *Espadeiro*.

Mesmo que Afonso não quisesse cruzava-se com Châmoa por todo o lado. Percebia-lhe os chamamentos implícitos em olhares ardentes quando ela aparecia ao cair da noite, em cabelo, no meio dos vergéis não longe do castelo de S. Cristóvão, que seu pai chegara a governar. Certo dia foram descobertos pelo irmão, abade do mosteiro de Pombeiro, até que Afonso a convenceu a ficar mais na quintã escasseando os encontros. Mesmo assim continuava a envolvê-lo com tal ardor que um dia, já mais arrefecida a paixão inicial, Afonso percebia que ia ser pai.

As vozes por pano de fundo não lhe têm baralhado o fluir das lembranças, mas o vozeirão de João Peculiar trá-lo ao rumo das inquietações de há pouco. É como se lhe tivessem permitido acalmar a contrariedade, mas não o pudessem deixar esquecer assunto tão urgente

Podemos começar a preparar Braga para o acontecimento, Afonso?

Estás a falar de quê? Qual acontecimento?

Do teu próprio casamento, ou já esqueceste?

Mas ainda agora sugeriam a noiva e já pensam nos preparativos?

Há cartas de arras para lavar, assinatura de documentos para submeter a Roma, até paredes para levantar

Mas que documentos, que paredes precisamos erguer? E Braga porquê? Não quero uma razão que seja para a velha rivalidade com Santiago de Compostela. A capital do condado está em Coimbra há quase oito anos, porquê fazer as bodas noutra cidade?

Exactamente para firmar a importância de Braga

Não vês que devendo estar atento às investidas do Sul não posso acabar-me em viagens para um lado e para o outro?

Egas adianta-se para moderar o debate, antes que Afonso se arrependa. O melhor é obter confirmação da palavra dada há pouco, não vá a teimosia fazer regredir o plano das conquistas verbais

Então está decidido, pronto, as bodas serão em Coimbra. E se entretanto homens do clã dos Trava ajudarem teu primo a fazer uma incursão a norte, podem os de cá acabar com eles, não é verdade?

Se houver braços excedentes para os combater antes de eu chegar aqui. Mas não quero mortes em gente de meu sangue ou a ele ligado, seria muito mau para todos

Podes estar sossegado, se pudermos evitar nunca acontecerá

Tendes de evitar, sempre vos disse. E já agora, que idade tem a herdeira de Sabóia?

Talvez dez anos

O quê?... Em vez de uma donzela para esposa reservam-me uma filha para educar?

O tempo passa depressa, verás. Entre as bases do contrato e o dia do casamento, estará preparada para ti

E eu para ela, ainda estarei? Dez anos... enlouqueceram

E sai de rompante, ainda mais irado depois desta revelação. Precisa dar uma volta no recinto próximo da barbacã antes de regressar ao convívio dos companheiros e aos problemas da nação emergente. Quando entra parece mais calmo, já os outros desenvolvem temas alinhados pelo escriba e dois criados mouros remexem arcas enormes cheias de rolos de pergaminho, em busca de cópias de forais antigos do tempo dos condes de Portugal. Afonso diz-se disposto a confirmá-los, a fazer concessões de terras ainda devolutas de ambos os lados do rio, talvez até a dar carta de couto a um mosteiro ou dois.

Quer muito que sejam povoadas as zonas ermas, arroteados os solos. Algum proveito se há-de retirar do chão. Os detentores de tenências acolhem

tão bem a medida como os representantes dos mosteiros, monges e frades de caminho louvados pelo esforço essencial de fixação das gentes e delimitação das paróquias.

Afonso analisa agora cada *volumen*, aparentemente mais apaziguado. Depois, quase terminada a reunião, fala da mais importante decisão dos últimos tempos, a preparação de um fossado para daí a uns meses. Com o sucesso da batalha de Cerneja, há três anos, com a conquista de Límia e Toronho que sua mãe herdara, chegou a pensar na Galiza como território do condado. Mas o rei de Leão e Castela, sempre a vigiar-lhe os movimentos todos, acabou de recuperar sem grande esforço as terras perdidas. E teria mesmo avançado para o interior do condado para o destituir, não fora encontrar a resistência de alguns nobres galegos adeptos da causa do infante rebelde, o único de seus vassallos que se nega a obedecer-lhe.

Depois da paz de Tui, assinada há mais de um ano, agora é quase certo não haver esperança de alargar os limites físicos a norte. Resta concentrar esforços na linha meridional e tentar por aí a dilatação do território. Egas concorda, desejoso de participar em mais peijas bem dentro dos domínios muçulmanos, como se ainda estivesse nos seus tempos áureos ao lado do conde D. Henrique

*Só resta concentrar esforços e combater os mouros lá em baixo, tens razão
É o que penso. Mas como poderemos defender as terras do sul com o exército
por reorganizar?*

*Foi mau teres descuidado a guarda dessa frente, mas também precisavas
deste descanso*

*Pois precisava, ninguém pode enfrentar opositores se não estiver em boa
forma*

Que fortalezas estão já concluídas?

Parece que não sabes se tudo te dou a conhecer, Egas

*A minha memória já não é a mesma. Depois aqui para cima com os meus
senhorios nem sempre me dou conta do andamento das coisas quando vou a
Coimbra*

E vais cada vez menos, como mordomo

*Tens Gonçalo Mendes, bem mais novo do que eu. Mas sobre as fortalezas,
dizias*

*Que Soure lá se vai aguentando com uns arranjos aqui outros acolá. As de
Miranda do Corvo e Penela ficaram concluídas há pouco tempo. Só a de Arouca
ainda está atrasada*

A linha a Sul do Mondego ficaria bem guardada se Leiria aguentasse

*São persistentes, aqueles cães dos chefes mouros. Como se atrevem a derru-
bar o castelo?*

*É uma pena, com pouco mais de dois anos
E ousam outras investidas para ameaçar Coimbra, não vês?
É preciso olhar nessa direcção. Não te podes distrair de novo. E se conseguires levar por diante o tal fossado, tanto melhor*